

**VIOLENCE AT SCHOOL: The role of the manager and his contribution to
child and adolescent rights violations coping at school**

Ana Paula Ferraz²

Erika Souza Leme³

Resumo: A violência na sociedade contemporânea invade a vida de todos, interferindo nos planos, ações e nas escolhas feitas pela gestão escolar. Desse modo, a compreendemos como um desafio social que se desenrola na escola, superando a visão fragmentada e pontual desse fenômeno. Nesta perspectiva, refletimos sobre a escola considerando os desafios da vida social, isto é, não negamos os conflitos pessoais e sociais e, sim, reconhecemos a urgência de lidar com esses aspectos da vida no bojo do cotidiano escolar, por meio da reflexão sobre os Direitos Humanos (DUDH, 1948), elaborando o pensar e o agir voltados à cultura da paz; metodologicamente construímos um estudo bibliográfico com discussão empírica. O enfoque é apresentar algumas reflexões sobre a violência e o papel do gestor educacional, considerando a Escola Municipal Antenor Nascentes, no Rio de Janeiro, com o intuito de desnudarmos os conflitos que ocorrem no cotidiano escolar, bem como sinalizar as possibilidades de enfrentamento por parte dos gestores, possibilitando uma reflexão entre os pares do campo educacional e com os membros da sociedade em geral.

Palavras-chave: violência; cotidiano escolar; Direitos Humanos.

Abstract: The violence in contemporary society invades everyone's life, interfering with the plans, actions and the choices made by the school management. Thus, we understand it as a social challenge that takes place in school, overcoming the fragmented and timely view of this phenomenon. With this in mind, we reflect on the school considering the challenges of social life, that is, do not deny the personal and social conflicts and, yes, we recognize the urgency of dealing with these aspects of life in the midst of everyday school life, through the reflection on the Human Rights (UDHR, 1948), developing the thinking and the action aimed at the culture of peace; methodologically we built a bibliographic study with empirical discussion. The focus is to present some reflections on violence and the role of the educational manager, considering the Municipal School Antenor Nascentes, in Rio de Janeiro, in order to expose conflicts that occur in everyday school life, as well as signal coping possibilities by managers, enabling a reflection among peers in the educational field and with members of society at large.

Keywords: violence; school routine; Human Rights.

¹ Este artigo é uma adaptação do Trabalho de Conclusão de Curso - TCC defendido no Programa de Pós-Graduação de Gestão Escolar e Pedagógica da UNIABEU.

² Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ; Especialização em Gestão Escolar e Pedagógica pela UNIABEU.

³ Graduação em Letras (UNORP/1997); Especialização em Linguística (UNESP/2000); Mestrado em Educação (UFRJ/2011); Pedagogia (UFRJ/2012); Doutorado em Educação (UFF/início 2013). Docente da graduação e da pós-graduação da UNIABEU – Centro Universitário.

1. INTRODUÇÃO

A violência na sociedade contemporânea é visível e invade a vida de todos, interferindo nos desejos, nas ações e nas opções tomadas pela escola. É um desafio social que se desdobra na escola e, como tal, precisa ser problematizado pelos membros da instituição escolar, sem perder de vista a complexidade desse fenômeno que se materializa no cotidiano escolar.

A violência é definida pela Organização Mundial de Saúde (OMS) da seguinte maneira: “uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesões, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação”. (Krug, 2002, p. 5)

Atualmente a violência apresenta-se na escola de várias formas, porém a mais comum delas é o *bullying*, termo inglês que deriva o verbo *to bully*, que significa ameaçar, intimidar e dominar. Este comportamento agressivo entre os estudantes pode ser assim definido:

- Violência física: uso da força para produzir lesões, traumas, feridas, dores ou incapacidades;
- Violência psicológica: agressões verbais ou gestuais com o objetivo de aterrorizar, rejeitar, humilhar a pessoa, restringir sua liberdade, ou ainda isolá-la do convívio social;
- Violência sexual: ato ou jogo sexual que ocorre nas relações hétero ou homossexuais e visa estimular a vítima ou a utilizá-la para obter excitação sexual e práticas eróticas, pornográficas e sexuais impostas por meio de aliciamento, violência física ou ameaças;
- Negligência ou abandono: ausência, recusa ou a deserção da atenção necessária a alguém que deveria receber cuidados. (Assis, 2011, p. 43)

Nos últimos anos a facilidade com que os jovens se comunicam pela rede mundial de computadores tem ajudado na popularização de um novo fenômeno: o *cyberbullying*: a versão multimídia da violência escolar, que cresce a cada dia, acompanhando o interesse das crianças e adolescentes pelo mundo virtual, e tem um caráter perverso e covarde, tornando a internet uma ferramenta perigosa, pois pode ser realizada de forma indireta e anônima. (Teixeira, 2013, p. 4)

Nesta perspectiva, problematizamos o cotidiano escolar vinculado aos desafios de âmbito social, ou seja, não só não negamos os conflitos pessoais como compreendemos que esses precisam estar no bojo do cotidiano escolar, por meio do acesso provocador de reflexão e, quiçá, de transformação das atitudes violentas. Nesse sentido, ressaltamos a importância

dos Direitos Humanos (DUDH, 1948), no que se refere ao respeito e à tolerância entre os povos e suas culturas. Nesse sentido, não basta conhecer tal prerrogativa. É preciso que ela se materialize no cotidiano da escola, e um dos aspectos possíveis tem a ver com a questão metodológica que envolve o processo de ensino-aprendizagem. Assim, desenvolver aulas participativas e propiciar momentos de construção coletiva, superando estratégias meramente expositivas arraigadas no seio educacional, representam a construção da cultura pela paz propalada nos Direitos Humanos, isso porque:

A vida na escola serve como referência à percepção do diverso no uno que somos. É na escola que tomamos consciência da diversidade que nos rodeia; porém, é pela percepção da diferença que nos damos conta de que nós somos únicos. E para que percebamos essa diferença é necessário que respeitemos o outro e estabeleçamos com ele pactos não declarados e não escritos de convivência no qual o pressuposto moral é decisivo. (DONATELLI,2004, p. 74)

Com essa mesma perspectiva, o Ministério da Educação (MEC) vem colaborar na construção de conhecimento a respeito das formas de enfrentamento de violação dos direitos das crianças e adolescentes, praticadas no ambiente da escola ou nele identificadas.

Para que a escola cumpra seu papel de socialização de crianças e adolescentes e os profissionais da educação de mediadores na relação ensino-aprendizagem, é fundamental compreender que esse processo é permeado pelas relações e vivências que ocorrem dentro e fora da escola, que interferem diretamente no ambiente escolar e, conseqüentemente, na qualidade da educação. (Secad/MEC)

Desse modo, neste trabalho problematizamos a violência presente na Escola Municipal Antenor Nascentes, no Rio de Janeiro, com ênfase no papel do gestor, buscando compreender como é possível lidar com a violência na escola, superando as tradicionais ações de repressão, advertência e, nos casos mais extremos, de expulsão do estudante do sistema escolar.

Essa escola atende aos estudantes do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, no período diurno, e desenvolve o Projeto de Educação de Jovens e Alunos (PEJA), no período noturno, somando 1560 estudantes matriculados, possui 12 salas de aula, 2 laboratórios de informática, 1 biblioteca, 1 refeitório, 1 auditório, 1 quadra de esportes, ampla área externa e 1 pátio interno; as turmas são atendidas por 58 Professores, 5 Funcionários Administrativos, 5 Merendeiras, 4 Agentes Educadores, 4 Garis, 1 Diretora Geral, 1 Diretora Adjunta, 1 Coordenadora Pedagógica e 1 Professora de Apoio à Direção.

Considerando que existe a equipe pedagógica no quadro administrativo e pedagógico desta escola, temos como propósito problematizar como esses gestores lidam com esse

desafio. Apesar de a violência também refletir aspectos externos à escola, não podemos nos furtar de questionar sobre as questões internas como, por exemplo, a dificuldade dos gestores em reconhecer e lidar com conflitos; a incoerência na equipe escolar; aulas que não fazem sentido; regras impostas, dentre outras.

Nesse sentido, buscamos conhecer as dificuldades da equipe gestora, para, então, problematizarmos as possibilidades de ações frente aos conflitos que ocorrem na escola. Além disso, buscamos pensar junto à literatura possíveis estratégias para a superação da violência, promovendo a educação para a paz e cidadania.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O fenômeno da violência na sociedade atual vem adquirindo cada vez mais visibilidade social e sendo objeto de preocupação, tanto por parte do poder público como da sociedade em geral. Candau (1995) nos possibilita pensar em três aspectos a questão da violência: que não se pode dissociar a questão da violência na escola da problemática da violência presente na sociedade; a problemática da violência só pode ser compreendida partindo-se de sua complexidade e multicausalidade; e as relações entre violência e escola não podem ser concebidas exclusivamente como um processo de “fora para dentro”, a violência presente na sociedade penetra no âmbito escolar afetando-o.

A partir dessas três perspectivas, ele defende a promoção dos Direitos Humanos e a construção da cidadania nas escolas, desenvolvendo uma prática educativa participativa e dialógica. Tendo em vista que “a necessidade e a urgência de se construir uma cultura dos direitos humanos a partir do cotidiano, que transforme profundamente as mentalidades e gere novas práticas sociais”. (CANDAUI, s/d).

Dallari (1981) menciona em sua obra o significado dos direitos humanos, ressaltando que são fundamentais porque, sem eles, a pessoa humana não consegue existir ou não é capaz de se desenvolver e de participar plenamente da vida. Tais direitos correspondem às necessidades essenciais e igualitárias que todos os seres humanos necessitam para viverem com dignidade.

Para pensarmos nos desafios da equipe gestora, nos remetemos a Ceccon e Zagury (2009, p. 22), quando afirmam que:

Administrar conflitos e prevenir violências exige aprender a ouvir, a dialogar, construindo vínculos e alianças entre diferentes dentro da escola (crianças, jovens, professores, funcionários, gestores, famílias) e entre a escola e o mundo lá fora (secretarias, organizações governamentais e não governamentais, universidades, empresas).

A complexidade expressada na citação acima revela que a escola precisa superar alguns conceitos ideológicos que dificultam o enfrentamento da violência e, nesse sentido, destacamos o conceito de paz que não é ausência de conflito, mas a busca de se estabelecer diálogos bem administrados.

Considerando que nosso intuito é provocar a reflexão da comunidade escolar para o diálogo administrado, desenvolvemos essa pesquisa de natureza qualitativa, com base bibliográfica-empírica. Assim, adotamos como instrumento de coleta de dados um questionário com o qual pudemos traçar o perfil dos gestores da escola em foco, bem como conhecer as concepções e ações adotadas pela equipe em relação ao fenômeno da violência.

O perfil

- A Professora de apoio à Direção, não possui nível superior, trabalha no período noturno (PEJA), está lotada na Escola Municipal Antenor Nascentes há 6 anos e na função há 4 anos;
- A Coordenadora Pedagógica é formada em Pedagogia, faz parte da equipe da gestora há 5 anos;
- A Diretora Adjunta possui ensino superior completo e pós-graduação em gestão escolar em andamento, trabalha na escola há 9 anos e está no cargo há 5 anos;
- A Diretora Geral, que trabalha na Unidade há mais de 10 anos, foi regente e assumiu o cargo de Direção em 2009, há 5 anos.

Com esse levantamento, pudemos constatar que a equipe gestora apresenta certa maturidade, em relação ao tempo na função. Tal relação pode contribuir para o entrosamento da equipe, a fim de estabelecer o diálogo para lidar com o conflito de forma colaborativa, adotando processos, procedimentos e ferramentas para organizar um amplo sistema de gestão dos conflitos. Nesse sentido, buscamos conhecer as concepções e ações adotadas pela equipe e, com isso, refletirmos se tal afinamento administrativo ocorre no cotidiano escolar.

As concepções e ações

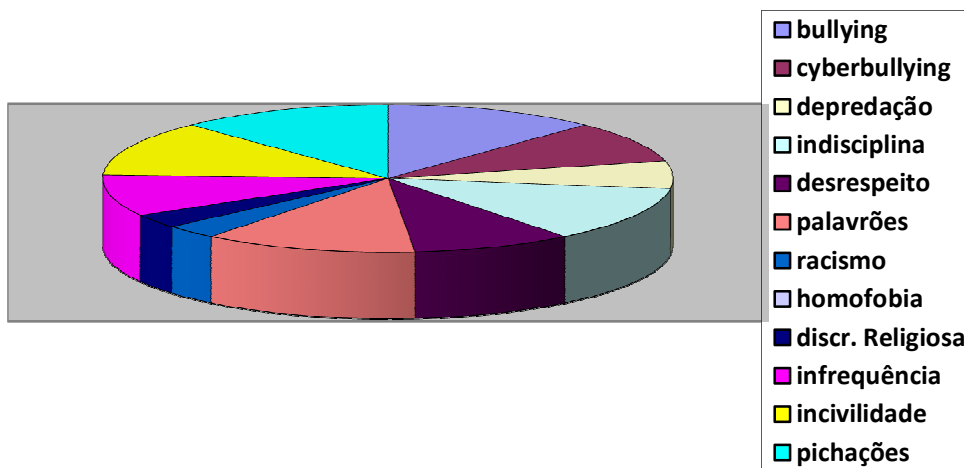
Foi indagado sobre o que é violência, de que forma ela se manifesta na sua escola, que providências a equipe gestora adota diante dos conflitos e que ações são implementadas para debater e/ou combater o fenômeno da violência dentro da escola. O questionário foi construído a fim de compreender como a violência se manifesta dentro da escola e de conhecer as ações adotadas pela equipe gestora.

Isso porque, sem compromisso concreto não existe educação para a paz. Basta lembrarmos que os Direitos Humanos são conquistas históricas de grupos sociais determinados. Entretanto, se não resgatarmos seu sentido e sua força para a preservação da dignidade da pessoa humana, esse direito perecerá. Nesse sentido, trouxemos à tona a reflexão de Moca e Aguirre (1992, p. 19; *apud* CANDAU, s/d):

Chegaram a se perguntar se era possível educar em direitos humanos e afirmam: Talvez alguns respondam rapidamente sim. Nós - a partir de uma experiência histórica - pensamos que não é impossível, mas também não é fácil. Inicialmente, é necessário conhecer os direitos e, também, admitir que conhecê-los não se limita a um mero enunciado dos 30 artigos da Declaração Universal, e sim implica na descoberta e prática de certas atitudes complexas e exigentes. E isso ocorre assim porque os direitos humanos não são neutros, não toleram qualquer tipo de comportamento social, político e cultural. Exigem certas atitudes, ao mesmo tempo que repelem outras.

Portanto, no nosso entender, é imprescindível que a equipe gestora conheça as formas em que a violência se manifesta e que reflita sobre essas manifestações à luz dos Direitos Humanos. Com o resultado da questão 1, construímos o gráfico 1:

Gráfico 1 – Como a violência se manifesta na escola



Do gráfico, ressaltamos as manifestações mais recorrentes, ou seja, expressam o percentual de 12%, sendo elas: palavrões, indisciplina, *bullying*, pichações e incivilidade. Notadamente, as gestoras apontaram manifestações de violência que expressam a vida fora da escola, entretanto, é preciso lidar com isso dentro da escola.

Nesse sentido, pensamos ser urgente à escola resgatar os valores humanitários junto

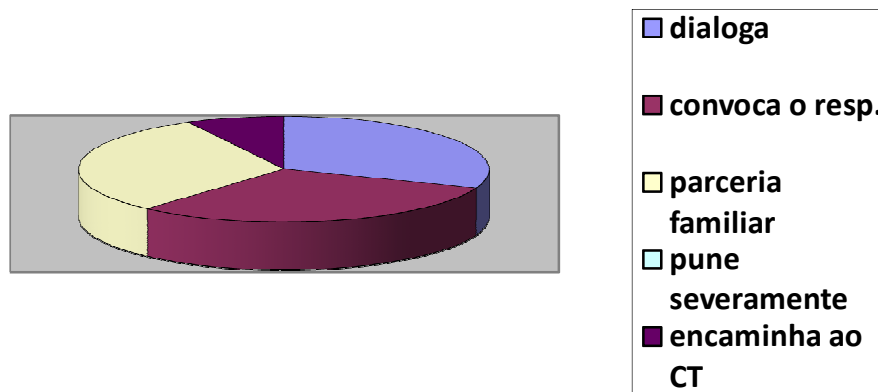
com a comunidade escolar, ou seja, que alunos, funcionários e pais e, a partir disso, possam estabelecer parâmetros de condutas na escola. Indo ao encontro do pensamento de Candau

(s/d):

A sistematização das práticas coletivamente construídas é outro aspecto importante do nosso enfoque de educação em direitos humanos. O processo pedagógico é dinâmico e está em contínua construção-desconstrução reconstrução. É necessário estar permanentemente refletindo sobre o que se vive. Neste sentido, é imprescindível sistematizar as diferentes práticas educativas.

No que se refere às ações frente à violência, elaboramos o gráfico 2:

Gráfico 2 – Providências adotadas pela equipe gestora



As ações revelam que a equipe adota diferentes estratégias. Embora não tenha sido possível aprofundar sobre o contexto em que cada ação é tomada, queremos ressaltar o equilíbrio demonstrado no gráfico que apontou 31% nas três ações, sendo elas: dialoga, convoca o responsável e estabelece parceria familiar;

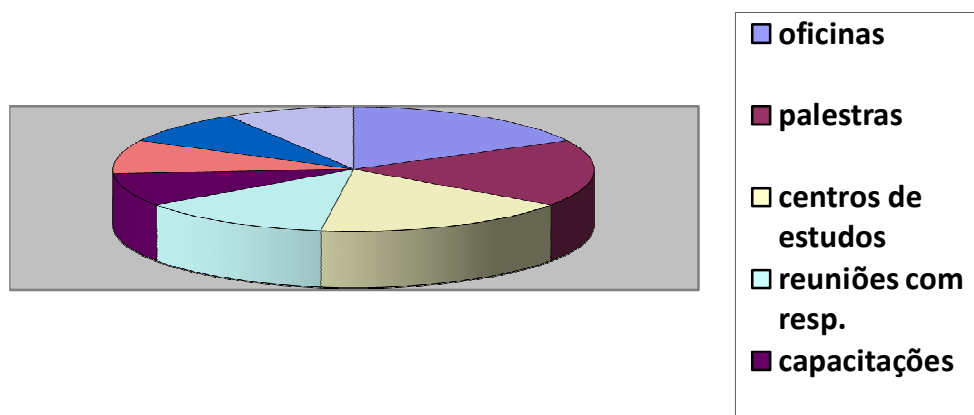
Tais ações encontram eco na proposta de educação para a paz, proposta por Candau (s/d), por entendermos que representam uma forma de

Superar toda indiferença diante das violações dos direitos humanos que se multiplicam em nossas sociedades e que também estão presentes nas práticas educativas. Também supõe que estejamos conscientes de que tais violações não são fenômenos naturais, mas, sim, realidades construídas historicamente, que tenhamos a coragem de questionar-nos sobre suas causas e nossa convivência. Exige que se supere a tendência à insensibilidade, à passividade e à impotência, favorecida nos âmbitos pessoal e social, pela multiplicação contínua das formas de violação dos direitos humanos.

Tal perspectiva revela que o papel da equipe gestora é dar suporte ao diálogo, administrando objetivamente às dimensões pessoais e sociais que perpassam o fenômeno da violência.

No que tange aos recursos de enfrentamento, elaboramos o gráfico 3:

Gráfico 3 – Recursos implementados



Do gráfico 3, ressaltamos os três recursos que apresentaram o mesmo percentual de 17%, sendo eles: oficinas, palestras e centros de estudos.

Pensamos que os momentos de centro de estudos são fundamentais para o estabelecimento do diálogo entre e com os professores, pois uma equipe gestora não deve estar isolada na escola.

A estratégia de ofertar palestras e oficinas pode ser profícua desde que seja decidida no coletivo e que esse momento não se esgote ao evento que tem hora e dia marcado, mas que possa provocar reflexões, autorreflexões e de desdobrarem em estratégias pedagógicas que potencializem o enfrentamento das questões tratadas nesses momentos específicos.

Considerações finais

O desafio é sonhar e planejar uma escola na qual as relações se humanizem e que o conhecimento nos diferencie para a evolução da própria instituição de ensino. Tal perspectiva, neste momento, nos parece utópica; entretanto, ações precisam ser tomadas para que algo

novo e profícuo se instaure na escola, no processo de ensino-aprendizagem e na vida das pessoas, assim:

Escola e sociedade civil, órgãos governamentais e organizações não governamentais devem somar esforços nesta perspectiva. Afirmar a vigência dos direitos humanos - civis, políticos, sociais, econômicos, culturais, ambientais, etc. -, no nível das práticas sociais e culturais, constitui um elemento fundamental para criar condições de desenvolvimento dos processos de humanização e democratização da nossa sociedade, no dia a dia da sociedade e da escola, desde a infância e os primeiros anos da escolarização, favorecendo-se assim a construção de uma cultura dos direitos humanos.

Referências

ASSIS, Simone Gonçalves de (org.), *Impactos da violência na escola: um diálogo com professores*. Organizado por Simone Gonçalves de Assis, Patrícia Constantino e Joviana Quintes Avanci. – Rio de Janeiro: Ministério da Educação / Editora Fiocruz, 2010.

CANDAU, V. M. Educação em direitos humanos hoje. Disponível em <http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2001/edc/edctxt2.htm>

_____. e outros. **Oficinas pedagógicas de direitos humanos** – Petrópolis, RJ, 1995. http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/veracandau/candau_dhviolencia.html

CECCON, Cláudia [et al.], **Conflitos na escola: modos de transformar** – São Paulo: CECIP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

DALLARI, D. de A. **O que são os Direitos da Pessoa** – São Paulo: Brasiliense, 1981.

KRUG, Etienne G. **Relatório sobre violência e saúde**, Organização Mundial de Saúde (OMS) – Genebra, Suíça: ONU, 2002.

NETO, A. A. L. & Saavedra, L. H. **Diga não ao bullying! Programa de redução do comportamento agressivo entre os estudantes** – Rio de Janeiro: Abrapia, 2003.

TEIXEIRA, G. **Manual antibullying, 1ª edição** – Rio de Janeiro: Saraiva, 2013.